

A MANIFESTAÇÃO DE PAIXÕES NO LIVRO A ELITE DA TROPA 2: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA

The manifestation of passions in the book A Elite da Tropa 2: A semiotic analysis

La manifestación de pasiones en el libro A Elite da Tropa 2: Un análisis semiótico



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Leandro Rodrigues Doroteu^{*1}, Mariana Gonçalves Carneiro², Sara Gonçalves Carneiro³, Thaianne Valença Vieira², Sônia Marise Salles Carvalho³, Nilton Cesar Lima², Roner Salvador Gama²

¹ Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Franca, Franca – SP, Brasil e Programa de Pós-graduação em Ciências Contábeis, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG, Brasil

² Especialização Lato Sensu em Formação em Educação a Distância, Universidade Paulista, Brasil

³ Programa de Pós Graduação em Programa de Pós Graduação em Propriedade Intelectual e Transferência de Tecnologia para Inovação, Brasília, Brasil.

⁴ Faculdade de Ciências Contábeis, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia - MG, Brasil

⁵ Especialização em Revisão Textual, AVM Faculdade Integrada, Brasil.

*Correspondência: Instituto Superior de Ciências Policiais, Pró-reitoria de Graduação.

Setor Policial Sul Área Especial 4- Asa Sul, 72115700 - Brasília, DF - Brasil. e-mail doroteu.leandro@gmail.com

Artigo recebido em 18/09/2018 aprovado em 26/10/2018 publicado em 30/03/2019.

RESUMO

Este trabalho aplica os pressupostos teóricos da semiótica francesa postulada por A. J. Greimas e J. Fontanille, para a análise dos simulacros de postagens do microblog Twitter construídos no interior do livro A Elite da Tropa 2, cujo personagem principal responde pela alcunha de Daconlano – policial de elite, aposentado precocemente por ter se tornado paraplégico. Ao longo da obra, reproduz-se, criando a ilusão de verdade, todo o layout adotado pelo microblog que tem como uma de suas características instituir certas práticas de escrita marcadas pela subjetividade porque costumeiramente autobiográficas, o que permite, desse modo, que o narrador expresse seus sentimentos e seus pontos de vista pessoais em postagens de até 140 caracteres. Tendo como base a teoria semiótica, busca-se explicar como se compõe o sujeito Draconlano, seja em sua identidade que efetivamente combatia milicianos e que foi desconstruída após um acidente, seja a identidade que se vale da rede social para se (re)construir, simulando literariamente o universo virtual. Busca-se ainda examinar determinadas paixões que nascem dos embates desse sujeito com o Outro, como a obstinação e o ressentimento.

Palavras-chave: Twitter. Paixões. Identidade.

ABSTRACT

This work applies the theoretical assumptions of French semiotics, postulated by A. J. Greimas, J. Fontanille, to study the simulacrum of posts on the micro-blog Twitter constructed inside the book A Elite da Tropa 2 whose main character responds by the nickname of Daconlano - elite cop, retired early by becoming paraplegic. Along the work, reproduces, creating the referential illusion, the whole layout adopted by the micro-blog that has as one of its features set certain writing practices marked by subjectivity, because customarily autobiographical, allowing thus the narrator expresses his feelings and his personal views in posts of up to 140 characters. Based on the semiotic theory, seeks to explain how are composed the subject Draconlano, whether in his identity that effectively combated militiaman and that was destructed after an accident, or the identity that which uses the social network to get rebuild,

although virtually. Seeks to examine certain passions that born from the struggles of this subject with the other, such as the obstinacy and the resentment.

Keywords: *Twitter. Passions. Identity.*

RESUMEN

Este trabajo aplica las suposiciones teóricas de la semiótica francesa, postulada por AJ Greimas, J. Fontanille, para estudiar el simulacro de publicaciones en el microblog Twitter construido dentro del libro A Elite da Tropa 2 cuyo personaje principal responde con el sobrenombre de DaconIano - policía élite, se retiró temprano al volverse parapléjico. A lo largo de la obra, se reproduce, creando la ilusión referencial, toda la disposición adoptada por el microblog que tiene como una de sus características establecer ciertas prácticas de escritura marcadas por la subjetividad, por costumbre autobiográfica, permitiendo así que el narrador exprese sus sentimientos y sus puntos de vista personales en publicaciones de hasta 140 caracteres. Basado en la teoría semiótica, busca explicar cómo se compone el sujeto DraconIano, ya sea en su identidad que combatió efectivamente al miliciano y que fue destruido después de un accidente, o en la identidad que utiliza la red social para volver a calcularse, aunque de manera virtual. Busca examinar ciertas pasiones que nacen de las luchas de este tema con el otro, como la obstinación y el resentimiento.

Descriptores: *Twitter. Pasiones Identidad..*

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo estudar à luz da semiótica francesa, trechos do livro *A elite da tropa 2*, obra lançada pela editora Nova Fronteira em 2010, de autoria de Luiz Eduardo Soares, Cláudio Ferraz, André Batista e Rodrigo Pimentel. A narrativa romanceia o mundo difícil da sociedade e da polícia carioca, sua rotina de confronto com as milícias e com a corrupção, diferenciando-se das narrativas policiais ficcionais convencionais pelo fato de os enunciadores simularem suas vivências pessoais, para criarem na obra não somente efeito de sentido de subjetividade, mas também pela simulação do uso do microblog Twitter.

A obra, de caráter literário, é composta de vinte e cinco capítulos. Para a análise no presente trabalho optou-se por uma delimitação do *corpus* em que elegeram-se apenas sete capítulos nos quais o narrador simula ser usuário do microblog Twitter auto intitulado-se DraconIano. A segmentação teve assim como motivação destacar as características de uma enunciação peculiar ao gênero blog simulado pelo autor nos capítulos que apresentam esse layout e que passam ao leitor a impressão de que o texto foi construído no sítio virtual <https://twitter.com/>.

Para o recorte proposto foram considerados em primeiro lugar os aspectos discursivos relacionados à limitação que esse recurso impõe à enunciação, já que o autor de postagens no Twitter tem apenas 140 caracteres para expressar, por exemplo, formas afetivas e passionais e construir representações do mundo (por meio de tematizações e figurativizações). Em segundo lugar, optou-se por essa forma de segmentação porque tais capítulos são construídos por uma série de postagens no Twitter, que formam um encadeamento narrativo ancorado em um dado espaço construído discursivamente – o do Rio de Janeiro. Desse modo, tem-se a impressão de que as postagens, o policial, as histórias narradas são reais e não ficcionais o que é muito comum em obras de cunho biográfico ou autobiográfico.

Com base nos estudos de Greimas e Fontanille (1993, p. 128-139) acerca da modalização procura-se demonstrar o percurso do sujeito que se manifesta no texto com base no que os semioticistas denominam de “simulacros existenciais”. Tendo em vista que, para o sujeito/narrador sua narrativa é uma forma de dar continuidade ao combate contra o antissujeito miliciano, buscou-se observar como o sujeito/narrador

Draconlano se manifesta em relação às modalizações que sobre determinam o seu percurso.

O livro *A elite da tropa 2* é considerado de certo modo uma obra pertencente à cultura de massa, de alto apelo popular, um universo discursivo em que são relatadas experiências relacionadas ao convívio entre policiais. Desse modo, nota-se que a formação e a história de vida de cada um dos enunciadores estão de algum modo implicadas na construção da obra, de certo modo, autobiográfica. Luiz Eduardo Soares é antropólogo, cientista político e escritor, considerado um dos maiores especialistas em segurança pública do Brasil. Foi Secretário de Segurança Pública do estado do Rio de Janeiro e no governo federal, Secretário Nacional de Segurança Pública, que é uma secretaria vinculada ao Ministério da Justiça. Cláudio Ferraz é Delegado da Polícia Civil do estado do Rio de Janeiro já foi o Delegado Titular da Delegacia de Repressão ao Crime Organizado (DRACO), André Batista é Major da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro, tem o Curso de Operações Especiais e trabalha no Batalhão de Operações Especiais (BOPE) daquele estado. Rodrigo Pimentel é Capitão da reserva da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro, tem o Curso de Operações Especiais e já foi integrante do BOPE, atualmente é comentarista de segurança da TV Globo.

Na página 5, em que se encontram dedicatórias e uma epígrafe, os enunciadores fazem alusão à relação entre o efeito de sentido de realidade e de ficcionalidade que criam em sua narrativa autobiográfica: “Este livro narra histórias verdadeiras e fictícias. Cabe a você aplicar os adjetivos a cada uma delas” (SOARES et al., 2010, p. 5). A forma inovadora como esses efeitos de sentido são apresentados ao enunciatário leitor levou a refletir sobre o teor da obra: ficção que representa a realidade? Ou realidade romanceada? Entendeu-se que esses questionamentos contribuíram para que a obra se tornasse um best-seller brasileiro.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é o de analisar a maneira como o enunciador/narrador Draconlano é (re)construído no interior da obra. Para tanto, aplicou-se ao texto as estruturas semio-narrativas e discursivas, organizadas no percurso gerativo do sentido, observando seus papéis actanciais, temáticos e passionais, procurando descrever as modulações dos estados de alma do sujeito, apoiados no modelo teórico do Esquema Passional Canônico, como elaborado por A. J. Greimas e Jacques Fontanille (1993) e desenvolvido por Jacques Fontanille (2005). Desse modo, buscou-se aqui, diferentemente de outras áreas do conhecimento, que se focou-se também nos estudos das paixões, como a antropologia, filosofia, ou a psicologia, observar, descrever e analisar os afetos tomados então como efeitos de sentido enunciativo-discursivos.

Procura-se descrever os percursos narrativos, figurativos e temáticos que recobrem o ator Draconlano e a construção de paixões que têm a honestidade como objetivo (paixões nobres, portanto). Por outro lado, observa-se como os percursos do oponente – o antissujeito Milícia levam-no em outra direção, marcando-o por paixões vis como a desonestidade e a deslealdade.

MATERIAIS E MÉTODOS

As bases epistemológicas da semiótica francesa foram de certo modo condensadas por A. J. Greimas em sua obra *Semântica estrutural* (1973) na qual se pode ler que a língua não é apenas um sistema de signos, como proposto por Ferdinand Saussure (1989), mas uma reunião de estruturas de significação que se manifestam no momento da comunicação (GREIMAS, 1973, p. 30). Na mesma esteira do pensamento saussuriano, segundo o qual só existe sentido na diferença, Greimas observa que a significação se tece a partir de unidades significantes que se relacionam umas em relação às outras e não isoladamente, o que se aproxima da noção de valor para

Saussure. Conforme Coquet (apud BERTRAND, 2003, p. 15) o objeto da semiótica é explicitar as estruturas significantes as quais modelam os discursos que circulam na sociedade, tanto os sociais quanto os individuais.

A teoria semiótica guarda relação com estudos inspirados no pensamento de Saussure no sentido de estudar, pois, não a língua, tomada enquanto sistema, mas a significação produzida por textos, sejam eles verbais, visuais ou sincréticos. Diana Luz Pessoa de Barros (2005, p. 7) afirma que: “a semiótica tem por objeto o texto e procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz”. Para a autora, a noção de texto em semiótica deve ser entendida em uma concepção dual: ora tomado como objeto de significação e ora tomado como objeto de comunicação que analiticamente extrapola o nível da palavra ou da frase, ampliando-se para uma abordagem do discurso como objeto de estudo.

Nessa perspectiva a análise proposta pela semiótica apresenta seu interesse tanto pela análise interna quanto pela análise externa dos textos. Na análise externa, são levados em consideração os aspectos culturais e sociais que envolvem e produzem os sentidos do objeto de análise por meio das relações entre enunciador e enunciatário. Na análise interna procura-se depreender os mecanismos que tecem o texto como um todo de sentido. A teoria semiótica, pelas possibilidades expostas, considerando em suas análises os dois pontos de vista – análise interna e análise externa – toma o texto como objeto complexo de significação o que é uma das características que garante a sua singularidade em relação a outros ramos da Linguística.

O PERCURSO GERATIVO DOS SENTIDOS

Tendo em vista a construção de um arcabouço teórico capaz de estruturar a análise dos textos, a semiótica formulou uma hipótese metodológica que adota um modelo de representação da produção do

sentido, o qual chamou de percurso gerativo do sentido. Para Greimas e Courtés (2011, p. 232), a noção de percurso gerativo tem como objetivo designar:

[...] a economia geral de uma teoria semiótica (ou apenas linguística), vale dizer, a disposição de seus componentes uns com relação aos outros, e isso na perspectiva da geração, isto é, postulado que, podendo todo objeto semiótico ser definido segundo o modo de sua produção, os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um “percurso” que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto.

Tal percurso foi formulado no final da década de 1970 como uma condensação de todas as dimensões privilegiadas pelo método da semiótica, apresentando os diferentes níveis de profundidade e seguindo estratos passíveis de se converterem uns nos outros: daí a noção de “geração” da significação. O percurso gerativo apresenta-se na forma de três níveis: nível fundamental, nível narrativo e nível discursivo, apresentando, todos, uma sintaxe e uma semântica. Para Jean Marie Floch (2001, p. 15) o percurso é uma representação dinâmica da produção de sentido, que ressalta o caráter da compreensão do sentido por etapas sucessivas pelas quais passam a significação para se enriquecer e, de simples e abstrata, torna-se complexa e concreta.

O NÍVEL FUNDAMENTAL

A compreensão do percurso gerativo inicia-se pela compreensão do nível fundamental que é o mais simples e abstrato, e procura explicar os níveis mais abstratos da produção, do funcionamento e interpretação do discurso. Verifica-se a significação a partir de oposições semânticas mínimas, que estão na base da construção textual, a partir da qual se constrói o sentido do texto. Essas oposições podem se manifestar de diversas formas como categoria tímica cujos termos são positivos ou eufóricos e negativos ou disfóricos (BARROS, 2005, p. 10). A visão da significação como fruto de uma oposição de base coaduna-se diretamente à noção saussuriana de que o

sentido nasce da diferença, de uma diferença dual, em que se tem a afirmação ou a negação de determinados traços de sentido – os traços pertinentes.

É, pois, nesse nível, a partir do encontro e da articulação das oposições semânticas, que são assumidas como valores pelo sujeito no nível narrativo, que estão dispostos os valores da base do texto como, por exemplo, no caso da pesquisa, os valores de /honestidade / versus /desonestidade/.

Essa relação ocorrida na estrutura elementar é representada por um modelo lógico chamado “Quadrado semiótico”. Trata-se de um modelo de análise, aplicado a essas relações mais abstratas de um texto – as relações de contrariedade, de oposição, de complementaridade e hierarquia. Segundo Greimas e Courtés (2011, p. 474-475) o nível fundamental tem uma sintaxe e uma semântica.

A sintaxe fundamental constitui, com a semântica fundamental, o nível profundo da gramática semiótica e narrativa. Presume-se que ela dê conta da produção, do funcionamento e da apreensão das organizações sintagmáticas chamadas discurso, tanto os pertencentes à semiótica linguística como à não linguística. Ela representa, pois, a instância a quo do percurso gerativo desses discursos.

Na semântica do nível fundamental, a significação se dá como uma oposição semântica mínima a versus b, como por exemplo, a /liberdade/ versus /submissão/, /vida/ versus /morte/, etc. No texto está registrada uma qualificação semântica, isto é, categorias tímicas que valorizam os microuniversos semânticos (GREIMAS; COURTÉS, 2011). Elas são denominadas de euforia (eufórica) e disforia (disfórica). A euforia se manifesta por meio de um valor positivo, já a disforia prescreve um valor negativo. Tal qualificação semântica será determinada no contexto discursivo e não pelo leitor do texto.

A aplicação da análise do nível fundamental pressupõe a coexistência de termos opostos de uma categoria semântica (como honestidade/desonestidade) e, a cada um dos contrários, é aplicada uma negação que irá resultar em dois contraditórios. Ou seja,

conforme afirma Barros (2001, p. 88), o Quadrado semiótico “é o modelo lógico de representação da estrutura elementar, que a torna operatória. No quadrado representa-se a relação de contrariedade ou de oposição entre os termos e, a partir dela, as relações de contradição e de complementaridade”.

É imprescindível detectar a estrutura fundamental de um texto, pois é justamente essa estrutura que permite que se dê unidade profunda àqueles elementos mais superficiais que, de início, podem parecer desarticulados e/ou desordenados.

O NÍVEL NARRATIVO

No nível narrativo, nível imediatamente superior ao nível fundamental, operam-se as transformações dos sujeitos (actantes). É preciso fazer uma dissociação entre as noções de narrativa e narratividade, para entender que o segundo conceito é, na verdade, um termo operatório em semiótica e não a definição de um gênero de texto. Segundo José Luiz Fiorin (2011, p. 27), “a narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Isso significa que ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final”. Deve-se lembrar que narrativa e narratividade não se confundem, a primeira é um gênero, uma classe de discurso; já a narratividade é a transformação que ocorre na narrativa e em outros gêneros e que interessa à teoria do discurso.

O conceito de narratividade tem como seu principal fundamento os estudos de Vladimir Propp que em sua obra *Morfologia do conto maravilhoso russo* a partir de um *corpus* formado por contos maravilhosos apontou as funções mais comuns que regem a regularidade da narração. Com base nos estudos das funções proppianas, o conceito de personagem passou a um segundo plano servindo apenas para dar suporte às funções que passaram a ocupar o primeiro plano.

De suas leituras dos trabalhos de Propp, Greimas, observando os papéis desempenhados pelos sujeitos das narrativas e por suas funções, criou uma arquitetura actancial e nessa perspectiva os personagens passam a actantes. Evidenciando a influência exercida pelo conceito central de função elaborado por Propp na obra de Greimas, Denis Bertrand (2003, p. 278) menciona que:

Na base da semiótica narrativa desenvolvida por Greimas e sua escola encontra-se o projeto de desenvolver precisamente uma “sintaxe narrativa”. Ela tem como núcleo o conceito de actante, obtido de um lado por uma redução paradigmática das funções proppianas e, de outro lado, pela consideração de que uma sintaxe narrativa deve para ser válida, ser exclusivamente enraizada nas propriedades da linguagem.

Portanto, superada a noção de personagem, o foco das análises recai sobre os actantes que estão exercendo durante a narrativa os seus papéis actanciais. Um único personagem pode exercer mais de um papel actancial na narrativa.

Em relação à sintaxe narrativa, há dois tipos de enunciados elementares: enunciados de estado, que são aqueles que estabelecem uma relação de junção entre sujeito e objeto (disjunção ou conjunção), e enunciados de fazer, que correspondem às transformações de estados em que um sujeito passa da disjunção para a conjunção com determinado objeto de valor, ou vice-versa.

Além disso, para a semiótica esses enunciados são organizados hierarquicamente situando-se numa narrativa canônica que, segundo Greimas (apud BARROS, 1988, p. 36), “é o esquema que procura representar, formalmente, o ‘sentido da vida’, enquanto projeto, realização e destino”, constituído assim em quatro fases: a Manipulação, a Competência, a Performance e a Sanção. Como pode-se observar, essas fases se articulam entre si e formam seqüências narrativas.

Na manipulação, um sujeito (papel narrativo) age sobre outro para induzi-lo a querer ou dever fazer alguma coisa. Tal manipulação pode ser por tentação,

intimidação, sedução e provocação. A competência torna possível o fazer. O sujeito, nessa fase, recebe um saber e/ou um poder fazer e passa então a poder realizar a transformação central da narrativa. A performance é considerada por Greimas e Courtés (2011) “um fazer produtor de enunciados” e ainda [...] identifica-se como um ‘fazer-ser’ a que se dá a formulação canônica de uma estrutura modal, constituída por um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 363).

O sujeito do fazer executa sua ação, o que permite que ocorra uma mudança de um estado a outro, concretizando assim a transformação central da narrativa, isto é, mudança de um estado para outro. A sanção localiza-se nas dimensões pragmática e cognitiva. A sanção pragmática “corresponde à retribuição, de acordo com suas obrigações contratuais [...]”. A sanção cognitiva “é um juízo epistêmico sobre o ser do sujeito” (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 426). É nessa última fase que ocorre de fato a constatação de que a performance se realizou e o reconhecimento do sujeito que executou a transformação. É nessa fase que ocorrem as descobertas e revelações, ou seja, o sujeito da ação recebe seu castigo ou recompensa.

Essas diversas fases da narrativa canônica podem ser organizadas de várias maneiras ao longo da narrativa. Não precisam aparecer na ordem lógica. Assim como há a sintaxe narrativa, o nível narrativo também comporta a semântica narrativa. Para Greimas e Courtés (2011, p. 438), a semântica narrativa “deve ser considerada como a instância de atualização dos valores” e se “de fato, [...] o nível fundamental, em que se inscrevem a sintaxe e a semântica fundamentais está destinado a articular e a dar forma categórica ao microuniverso suscetível de produzir as significações”, no percurso gerativo de sentido a semântica narrativa constitui a seleção dos elementos semânticos e a relação destes com os sujeitos levando o sujeito a um fazer.

O fazer do sujeito pode ser modalizado por diferentes objetos modais: o querer, o dever, o poder e o saber. É no nível narrativo que o sujeito encontra-se modalizado. O actante, cuja existência é constituída no nível narrativo, pode exercer as seguintes funções actanciais (sujeito/objeto, destinador/destinatário das operações de manipulação, destinador julgador, na fase de sanção. Por sua vez, as oscilações passionais, são geradas também no nível narrativo, conforme indica Luiz Tatit (2011, p. 193):

No nível narrativo, esse sujeito responde modalmente aos processos que o levam à perda ou à aquisição do objeto, vivenciando estados de maior ou menor frustração, mas o que acaba definindo cabalmente suas grandes oscilações passionais são as criações de expectativa em relação a outros sujeitos. O não cumprimento dos acordos – que normalmente nem sequer são explícitos – estabelecidos entre os actantes é a principal razão dos sentimentos de decepção e mágoa que levam, muitas vezes, as retaliações contundentes.

Apesar da construção inicial da teoria semiótica se referir a um sujeito do fazer, por volta dos anos de 1980 percebeu-se que havia narrativas nas quais o sujeito se relacionava com sentimentos e não com objetos. Nesses textos a transformação se opera no sujeito de estado. Os afetos do sujeito passaram a ser foco dos estudos semióticos de forma mais direta, desenvolvendo-se no que se chamou de Semiótica das paixões.

O NÍVEL DISCURSIVO

No nível discursivo do percurso gerativo do sentido os esquemas narrativos são assumidos pelo actante, sujeito da enunciação, que os converte em discurso (FIORIN, 2006, p. 5). Vale lembrar a implicação da semântica discursiva como a responsável por revestir e concretizar as mudanças de estado nesse nível, abordando as oposições fundamentais assumidas como valores no nível narrativo, que podem estar recobertas por temas e concretizadas por figuras, conferindo sentido de aparência de “concretude” ao texto.

É no nível discursivo que se operam, portanto, os procedimentos de discursivização, entre eles, os procedimentos que podem ser definidos pela possibilidade da utilização de operações de breagem (embreagem e debreagem) (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 143) e, desse modo de instalação no texto de um eu e/ou um não eu, um aqui e/ou um não aqui, um agora e/ou um não agora, enfim, instâncias actoriais, espaciais e temporais que completam a produção de sentidos do discurso.

O sujeito enunciador pode instalar o discurso em primeira pessoa, atualizando as categorias de pessoa, tempo e espaço, o que consiste para o sujeito da fala em enunciar as categorias dêiticas que designam o “eu”, o “aqui” e o “agora” manifestando e recobrando o lugar imaginário da enunciação. O, eu, o aqui e o agora, instaurados em um dado discurso, são simulacros da presença (proximidade) e estão em oposição às categorias debreadas: toda embreagem pressupõe uma debreagem anterior, pois o eu só pode ser entendido em relação a um ele que foi debreado anteriormente. Ao pensar em embreagem e desembreagem, reafirmou-se que o eu existe em relação a um ele ou outra pessoa, o aqui em relação a outro local e o agora em relação a um outro tempo. Esses mecanismos são essenciais para criação no texto de um sentido de proximidade ou distanciamento, de pessoalidade ou impessoalidade.

Buscando a concretização do sentido no nível discursivo temou-se os procedimentos de tematização e figurativização que, para Fiorin (2011, p. 90) são os “dois níveis de concretização do sentido”. As figuras são aqueles termos que remetem a algo existente no mundo real ou imaginário, o que significa dizer que para a figura deve haver um correspondente perceptível. Já os temas organizam, classificam e categorizam os elementos do mundo natural, de forma abstrata. Temas e figuras são elementos semânticos que dependendo do grau de investimento na narrativa podem criar discursos temáticos, que procuram

explicar uma realidade, ou discursos figurativos que criam um simulacro da realidade.

A figuratividade ao longo dos estudos semióticos foi definida e redefinida por vários autores. Em *Caminho da semiótica literária*, por exemplo, Bertrand apresenta cinco definições. Mas pode-se dizer que a noção de figuratividade representa textualmente a aproximação, a semelhança e representação do mundo em uma superfície textual, seja qual for o tipo de texto. Está presente em textos verbais, não-verbais ou sincréticos e consegue produzir e reavivar significações análogas às suas experiências perceptivas mais concretas. A figuratividade permite entrever, portanto a aparência do mundo sensível. Para Bertrand (2003, p. 159):

[...] o mundo natural, do ‘senso comum’, na medida em que é logo de saída instruído pela percepção, constitui em si mesmo um universo significativo, ou seja, uma semiótica. Ver não é apenas identificar objetos no mundo, é simultaneamente apreender relações entre tais objetos, para construir significações. As percepções fazem sentido na medida em que os objetos percebidos se inserem em cadeias inferenciais que os solidarizam, como se infere o fogo a partir da fumaça.

De acordo com Bertrand (2003, p. 212), o figurativo, para ser compreendido, precisa ser assumido por um tema que dá sentido e valor às figuras. Nesse sentido a tematização dota uma sequência figurativa de significações mais abstratas que têm por função indicar sua finalidade, inserindo-a num campo de valores cognitivos ou passionais.

ELEMENTOS DE PAIXÃO EM SEMIÓTICA

A semiótica desde seu início centrou-se especialmente, como dito, na análise do percurso de um sujeito do fazer, sendo então conhecida como semiótica narrativa. Nos idos dos anos 80, a semiótica greimasiana começa uma virada que buscará dar conta não mais apenas do inteligível como também do sensível, isto é, explorando as formas de percepção que os textos podem manifestar. Essa nova abordagem permitiu considerar a paixão para além do percurso

gerativo do sentido. Assim como se constrói a dimensão pragmática e a cognitiva, a semiótica estabeleceu um percurso para descrever a dimensão passional que cuida de outra forma de transformações operadas no sujeito, o que permite considerar, antes de tudo que:

[...] o estudo dos sentimentos e das paixões é examinado fora de toda abordagem psicológica no quadro geral da teoria do discurso. Trata-se de analisar os efeitos de sentido e as configurações passionais tais como o uso as depositou na língua, desde a lexicalização das paixões e suas taxinomias culturais até a apreensão dos percursos passionais do sujeito e a enunciação passional da qual as obras literárias são o viveiro e talvez o modelo (BERTRAND, 2003, p. 378).

A semiótica irá distinguir duas concepções de paixão: uma que se define em relação à ação, outra por oposição à razão. A primeira está relacionada à abordagem das paixões sistematizada por A. J. Greimas e J. Fontanille em *Semiótica das paixões. Dos estados de coisas aos estados de alma* (1993). Nessa obra “a dimensão passional emerge, a partir da semiótica da ação, e assim, toma de empréstimo seus modelos, considerando-a fundamentalmente em sua dimensão sintática” (BERTRAND, 2003, p. 358). A segunda centra-se no sujeito passional, “nas formas de identidade subjetiva”, reativando a categoria tópica paixão/razão cuja descrição ela renova, segundo Bertrand (2003, p. 358).

A história da semiótica narrativa representa, de forma eficaz, a ação e a trans-ação, mas não leva em conta as modulações pelas quais passam os estados do sujeito, como: agitado, instável, flutuante em sua relação com a ação. Essa modulação vai se desdobrar como uma variação contínua em torno da junção. Assim, o espaço passional define-se na relação entre o sujeito e a junção, focalizando o dinamismo interno, “íntimo” dos estados. (BERTRAND, 2003, p. 360).

A modalização dos estados do sujeito define a sua competência e dá conta das relações intencionais, fazendo com que o espaço passional no discurso seja da ordem do contínuo e se disponha em torno das

transformações narrativas (BERTRAND, 2003, p. 366). As modalidades quando compatíveis, definem a coerência do sujeito contratual da ação, envolvendo as seguintes modalidades: /dever/, /querer/ e /poder fazer/. Já quando incompatíveis, tem-se um sujeito conflitual da transgressão, por exemplo, aquele que se debate entre o /dever não fazer/, /querer fazer/ e /poder fazer/. E são as modalidades dominantes que definirão o sujeito, deixando as outras sob sua dependência. O /querer fazer/ rege o “sujeito de desejo”, por exemplo.

Para analisar os efeitos de sentido passionais que se manifestam na língua e nos discursos, não se deve considerar apenas a modalização dos estados. Bertrand (2003, p. 370) afirma que nada permitiria, por exemplo, distinguir o econômico do avaro, pois ambos se definem pelo /querer/ e /dever/ estar conjunto ao objeto dinheiro. Logo, deve-se levar em conta o que se manifesta como um excesso da estrutura modal: simultaneamente a sensibilização dos dispositivos modais e sua moralização.

A semiótica das paixões analisa o sujeito não apenas do ponto de vista de sua competência, mas também de seu modo de existência. São quatro os modos de existência do sujeito: potencial (crê ser), virtual (quer ou deve ser), atualizado (sabe ou pode ser) e realizado (faz ou é). E esses modos são responsáveis pela determinação de suas respectivas modalidades (GREIMAS; FONTANILLE, 1993).

As duas grandes modalidades — intencionais e existenciais — são determinadas por essas quatro modalidades (potencializantes, virtualizantes, atualizantes e realizantes), com as quais formam predicados ou enunciados modais: querer-fazer, poder-ser, etc. A importância da teoria para o estudo do *corpus* é procurar encontrar o modo de existência do sujeito/narrador Draconiano em sua (re)construção discursiva por meio do microblog *Twitter*.

Os semioticistas de que tratou-se (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 129) definem o sujeito

potencializado como o sujeito que se caracteriza por um dever-não ser-disjuncto e por um querer-ser-conjuncto. É o caso do sujeito na obra de que tratou-se que o leva a tornar-se em sujeito obstinado.

Greimas e Fontanille (1993) estabelecem um esquema passional canônico, para caracterizar os estados de alma dos sujeitos. Dividido em quatro fases, a disposição, a sensibilização, a emoção e a moralização. As fases do esquema passional são análogas às fases do esquema narrativo canônico que são o contrato, a competência, a performance e a sanção. Logo, “à semiótica do agir (a narratividade) se integra uma semiótica do sofrer (a dimensão passional)” (BERTRAND, 2003, p. 374). A moralização, que na semiótica das paixões desempenha o papel sancionador em relação aos actantes, está relacionada a um espaço social e temporal devendo ser considerados os valores daquele espaço coletivo e daquele tempo. Diante desses valores comunitários ocorre o julgamento e a “sanção” que fazem com que a moralização desempenhe esse papel regulador, de um actante social, de um sujeito coletivo, em relação ao sujeito apaixonado.

As paixões podem ser classificadas de acordo com os arranjos modais, como observou-se anteriormente, e, conforme aponta Barros (2005, p. 48), podem ser classificadas em paixões simples e paixões complexas. As paixões simples resultam de um único arranjo modal, modificando a relação entre o sujeito e o objeto valor; e as paixões complexas, são efeitos de uma configuração de modalidades, e se desenvolvem em vários percursos passionais. As paixões simples diferem umas das outras pela intensidade do querer e pelo tipo de valor desejado. O desejo de valores cognitivos caracteriza, por exemplo, a curiosidade ou o querer-saber. Já as paixões complexas antecipam a explicação de todo um percurso passional, sendo que o estado inicial do percurso das paixões complexas é denominado por A. J. Greimas (1983) “como estado de espera”, assim definida por Barros (2005, p. 49):

[...] a espera define-se pela combinação de modalidades, pois o sujeito deseja um objeto (querer-ser) mas nada faz para consegui-lo e acredita (crer-ser) poder contar com outro sujeito na realização de suas esperanças ou na obtenção de seus direitos. Caracteriza-se, portanto, pela confiança no outro e em si mesmo e pela satisfação antecipada ou imaginada da aquisição do valor desejado. Ao saber impossível a realização do seu querer e infundadas as suas crenças, o sujeito passa ao estado de insatisfação e de decepção (BARROS, 2005, p. 49).

A espera e a confiança no outro, o “contrato fiduciário”, modalizou o sujeito, que no caso em tela não adquiriu ou perdeu objeto, mas a transformação foi operada no próprio ser, apresentando um modelo de produto narrativo que investiga as qualificações do sujeito.

As paixões em semiótica devem ser compreendidas “como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado” (BARROS, 1988, p. 61). Ainda segundo Barros, há a possibilidade de dois caminhos. O primeiro caminho estabelece a relação entre a organização modal narrativo-discursiva e as categorias semânticas da estrutura fundamental que estão por detrás das paixões, ou seja, preocupa-se com a relação vertical e de conversão entre dois níveis do percurso gerativo, para explicitar, de certa forma, a “origem” gerativa das paixões; o segundo caminho tenta determinar, horizontalmente, as relações sintagmáticas modais que caracterizam as paixões, a partir de configurações discursivas, e, também, suas relações paradigmáticas, que constituem “sistemas de paixões”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente tópico será abordado o percurso narrativo do sujeito do fazer Draconiano, em relação à aquisição da competência (poder combater milicianos), ao longo do percurso narrativo. Para Barros (2005, p. 26) o percurso narrativo é: “uma sequência de programas narrativos relacionados por pressuposição. [...] O encadeamento lógico de um programa de competência com um programa de performance

constitui, por exemplo, um percurso narrativo, denominado percurso do sujeito.” O percurso do sujeito que interessa é o percurso do sujeito Draconiano.

O sujeito do fazer Draconiano inicia relatando a sua situação física que lhe faz estar disjunto da competência poder combater milicianos (objeto modal), dessa forma ele é modalizado pelo /dever fazer/, /querer fazer/ /não poder fazer/ ficando impedido de realizar o seu programa de performance por não possuir habilidade em seu programa de competência. Ele explica o que é milícia, o seu modo de agir, os negócios que interessam e são lucrativos aos milicianos, mas assume o seu destino de cadeirante a admite estar para sempre “fora do jogo” uma moralização (automoralização) por encontra-se disjunto do objeto modal, o poder, a “capacidade física” para combater milicianos.

O programa narrativo inicial do sujeito Draconiano, manifestado no primeiro conjunto de simulacros de postagens é um programa de perda, de disjunção com a competência combater milicianos (objeto modal).

No segundo conjunto de postagens o sujeito Draconiano marca a sua conjunção com a rede social Twitter concretizada no texto por meio da epígrafe: “Sigo no Twitter. Noite 2. Vão ficar faltando 998. Chego lá”; “Nem preciso, Twitter blindada. São vinte malucos me seguindo noite a dentro”; “Gostou das minhas frases com 140 caracteres?” (SOARES et al., 2010, p. 41). O sujeito Draconiano que anteriormente se apresentara no papel temático de policial, no presente, assume o papel temático de ex-policial, aposentado. Inicia a construção de sua nova identidade, no papel temático de tuiteiro. É a maneira que encontra de sentir-se não disjunto de seus objetos-valores.

O sujeito Draconiano no primeiro conjunto de postagens, onde apresenta o seu programa narrativo de perda, narrou acontecimentos ocorridos em sua casa onde se encontrava com amigos policiais. No segundo conjunto de postagens utiliza-se de elementos

narrativos que caracterizam o seu local de enunciação como o Twitter (mundo virtual onde ele crê estar não disjunto de sua competência verbal). Assim, apartado do espaço “real”, no universo do virtual representado pela rede social Twitter, ele se insere em um espaço paratópico (uma subdivisão do tópico), lugar de aquisição da competência (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 265), ou seja, onde ele crê poder adquirir qualificação para atingir seu objetivo o de entrar em conjunção com o objeto valor “combater milicianos”, agora por meio do verbo, da palavra, da denúncia contra o crime. A aquisição desse poder (objeto modal) acontece com a reconstrução do sujeito no universo virtual.

Observa-se assim um programa narrativo secundário de aquisição de competência para entrar em conjunção com o objeto modal, poder, por meio da figura do Twitter, onde ocorre um outro programa de aquisição e é representado por figuras como “Sigo no Twitter” início do segundo conjunto de postagens; “Tuitando” início do terceiro conjunto de postagens; “Tuíte-me” início do quarto conjunto de postagens; “Tweets” início do sétimo conjunto de postagens, observa-se assim a caracterização do sujeito Draconlano no Twitter local onde ele narra na primeira pessoa do presente, crendo, desse modo, adquirir uma outra competência, a de denunciar milicianos por meio de suas postagens.

As figuras utilizadas para a manifestação combativa desse sujeito Draconlano que, por meio da rede social crê-se não disjunto da competência para combater milicianos pode ser exemplificada nos excertos: “Twitter blindada”. Sabe-se que a blindagem não é uma característica do microblog e sim de viaturas e equipamentos utilizados por policiais, que aqui ele associa à rede social em um processo metonímico; “Ela tem sido um instrumento formidável para nós, policiais civis, que trabalhamos com investigação” (SOARES et al., 2010, p. 73). Antes de assumir o Twitter como local de enunciação o sujeito Draconlano já havia informado

que não estava mais trabalhando, que estava “fora do jogo” e após essa assunção do espaço paratópico utiliza a primeira pessoa do presente do indicativo, crendo, assim poder colocar-se novamente na mesma condição de seus colegas integrantes da DRACO.

No mesmo conjunto de postagem utiliza o verbo começar no mesmo tempo verbal, como se nota no enunciado “por isso começamos a virar o jogo.” (SOARES et al., 2010, p. 74), referindo-se a vitórias que a DRACO tem obtido em combate com os milicianos. A DRACO aparece aqui como sujeito coletivo, realizado na dimensão pragmática, em uma condição ativa e a utilização do tempo verbal na primeira pessoa do presente do indicativo ocorre no terceiro conjunto de postagens criando o efeito de sentido de proximidade temporal O sujeito/narrador Draconlano busca a potencialização, na dimensão passional, no mundo virtual, na medida em que crê poder combater o crime por meio de suas postagens.

No quarto conjunto o narrador/personagem afirma abster-se de narrar histórias policiais e passa a relatos pessoais que representam o “choque” entre os dois mundos: o “real” e o virtual; a sua esposa Maria vive em outro universo que não o do sujeito Draconlano, “Já viram que ela está em outro mundo.” (SOARES et al., 2010, p. 74) ela representa o mundo real que para ele se associa a seu percurso pretérito marcado pela disforia. O sujeito Draconlano precisa do mundo virtual, onde constrói um percurso eufórico, para poder continuar vivendo, o que se nota quando afirmando que deve ao Twitter as noites mais saudáveis desde o episódio de seu acidente, e que a sua saúde (vida no mundo “real”) era um disfarce e a patologia (vida no mundo virtual) um destino inevitável.

Em “Meio amargo”, o quinto conjunto de postagens, não há aquisição ou perda de objetos, o sujeito Draconlano passa por mudança de estado assumindo o estado patêmico de sujeito ressentido que não é a única paixão manifesta, se levou-se em consideração todo conjunto de postagens encontro-se

também a sua obstinação em combater milicianos como a paixão que prevalece em suas postagens.

O sexto conjunto de postagens constrói um percurso narrativo voltado para aquisições de objetos modais do sujeito coletivo milícia. Principalmente a aquisição do poder como objeto modal que possibilita a conjunção com o objeto valor, dinheiro, poder e domínio (que se apresenta de duas formas: o político e o territorial). A construção do percurso do sujeito coletivo milícia se relaciona ao estado de alma de ressentimento que o narrador Draconlano tem em relação ao Estado o que pode ser observado já na primeira postagem: **“Estamos na merda porque policiais malpagos sobrevivem graças à insegurança”** (SOARES et al., 2010, p. 126, grifo no original).

No último conjunto de postagens o narrador Draconlano usa recursos como a pluri-isotopia para produzir enunciados com mais de um sentido, todos com traços sêmicos relacionados à atividade policial. Os estados de alma da confiança e da desconfiança retomam toda produção do sentido criada pelo sujeito Draconlano para produzir o efeito de sentido de verdade das postagens em que reconstrói sua identidade combativa, potencializando-se na dimensão passional, como sujeito obstinado que crê poder manter-se não disjunto de seu objeto-valor ao denunciar através das postagens o crime organizado.

PAIXÕES DRACO(1)ANAS

Segundo Fiorin (2007, p. 14), “na língua, as paixões relacionam-se umas às outras e, muitas vezes, é difícil distingui-las entre si. O ressentimento confunde-se com a amargura, com a inveja, com o rancor, com a decepção e assim por diante”. É o que acontece com o amargor, presente nas postagens, que apresenta uma conexão com ressentimento, uma das paixões manifestadas pelo sujeito Draconlano.

O narrador constrói o papel patêmico de ressentido ao longo da narrativa das postagens. O fato

de estar na cadeira de rodas gera uma impotência, antes desconhecida por ele, um policial que fazia parte de um grupo de elite da polícia. A fragilidade e a postura defensiva também são características do ressentido que podem ser observadas no sujeito Draconlano. Como já observou-se, o ressentimento é uma paixão complexa. O ressentido esperava uma determinada conduta. Fiorin, ao refletir sobre a paixão do ressentimento, afirma:

A expectativa do sujeito não se realiza e, então, ele sabe que o outro não fará o que ele quer. É tomado, nesse momento, pela decepção com o sujeito que não realizou o que ele cria que ele faria e pela insatisfação pelo fato de saber que é impossível adquirir o objeto desejado. A decepção não é apenas com o outro, mas também consigo mesmo, que não soube em quem deveria depositar sua confiança. Esses dois sentimentos constituem um profundo descontentamento, que é vivenciado como um forte sentimento de injustiça, por não ter recebido aquilo que se considerava de direito (FIORIN, 2007, p. 14).

No caso, o sujeito Draconlano esperava do Estado que ele fosse um adjuvante dos integrantes da DRACO, e conseqüentemente dele também, adjuvante no sentido de fornecer melhores condições de trabalho aos policiais, tema figurativizado por “carros blindados”, “celulares criptografados” e “salários dignos”. Mas o ressentido espera sem ter a certeza de que o sujeito vai lhe proporcionar o objeto esperado, e o que Draconlano esperava era que o Estado cumprisse o seu dever, mas, no texto analisado, em momento algum foi dada qualquer pista que pudesse fazê-lo crer, pelo menos, que a situação retratada poderia ser alterada. Muito pelo contrário: a esperança que ele manifestou foi por meio da figura “ilhas cercadas por pessimismo”

Por outro lado, há a manifestação da paixão da nostalgia que é revivida no quarto conjunto de postagens em que há o confronto entre o universo, que é simulacro do mundo real (da impotência do sujeito) e o universo, que é simulacro do universo virtual (em que a paixão da obstinação também é concretizada por meio de suas postagens no microblog). O sujeito Draconlano utiliza assim o Twitter, (re)construindo-se em um

mundo, simulacro do universo virtual. Quando se encontra no simulacro do mundo real, anteriormente ao acidente, a sua narrativa se processa por meio de debreagem enunciativa e se concretiza no pretérito “vieram”, “senti”, “conheci”, “fazia”, “tivesse”, “dirigia” e, no presente, quando rememora esse pretérito, evidencia-se a manifestação da paixão da nostalgia.

A paixão da nostalgia, segundo Bertrand (2003), marca a persistência (como na obstinação), na memória do sujeito, de uma conjunção terminada. O comportamento patêmico do sujeito nostálgico é alimentado pelas lembranças que o fazem recordar que sua conjunção com o objeto valor acabou. No simulacro do mundo real, o sujeito Draconlano está disjunto do objeto valor capacidade física para poder lutar contra a milícia, porém, é no simulacro do mundo virtual, representado pela rede social, que acredita estar não disjunto do objeto-valor, por meio da palavra que denuncia os desmandos da milícia.

O sujeito Draconlano, ao buscar a aquisição de objetos modais para estar conjunto com o seu objeto valor, a justiça, por meio do combate aos milicianos, manifesta-se como um sujeito obstinado.

A obstinação como paixão caracteriza o “sujeito que não somente quer fazer, mas quer ser aquele que faz”, mesmo sabendo que a conjunção a que ele almeja pode não se realizar, como no caso do Draconlano que, como sujeito cognitivo, sabendo ser irreversível o seu quadro de saúde, “quer apesar dos obstáculos, e a própria resistência alimenta sua vontade. O querer ser aquele que faz se constrói no espaço de um agir sempre diferenciado” (BERTRAND, 2003, p. 371).

Diante da impossibilidade de viver o seu papel temático de policial no presente, no simulacro do mundo real, em que é paraplégico o que é irreversível, o sujeito Draconlano volta sua vontade obstinada, alimentada pela resistência, na direção do espaço on-line, virtual, por meio do microblog. Assim busca, via

Twitter, permanecer não disjunto de seu objeto valor: a justiça por meio da denúncia da milícia e dos corruptos.

CONCLUSÃO

Conforme proposto no início do trabalho, o objetivo proposto era o de aplicar, tendo como base a teoria semiótica francesa, elementos do percurso gerativo de sentido para analisar sete capítulos do livro *Elite da tropa 2*. Outro objetivo era analisar a manifestação das paixões nesses textos com vistas a observar a (re)construção da identidade do narrador Draconlano nesses sete capítulos da obra que simulam as postagens no microblog Twitter.

O objeto de análise, os sete capítulos da obra, foi considerado tendo em vista o contexto em que se insere, o conjunto da obra da qual faz parte. Para tanto, foram tecidas considerações acerca da classificação da obra como literatura de massa, por meio do apontamento de suas características. Discutiu-se também a inclusão do simulacro do gênero emergente microblog e estudou-se a sua implicação na produção dos efeitos de sentido de realidade e de subjetividade que se disseminam nos textos em análise e na (re)construção da identidade do narrador Draconlano. Observou-se também que a narrativa se caracteriza pela utilização de frases curtas e nominais (conforme características do gênero microblog).

Draconlano inicia suas postagens relatando estar em sua casa recebendo amigos das polícias civil e militar para um jantar, procurando dessa forma uma proximidade com os policiais. Assim, observou-se que ele não poderia mais exercer o papel temático de policial por ter sofrido um acidente que o tornou paraplégico, incompetente, portanto, – não poder fazer – para combater o crime organizado, mas ainda no seu imaginário passional, sentia-se um policial.

Draconiano é aquele que faz parte da DRACO (Delegacia de Repressão ao Crime Organizado). Assim, como observou-se nos textos analisados, combater milicianos era seu objetivo principal. Além

do percurso de disjunção do sujeito Draconiano com o objeto modal: poder lutar fisicamente pela justiça e pela honestidade no meio policial. Analisou-se também a reconstrução de sua identidade como sujeito Draconiano, no presente, através do simulacro de suas postagens no microblog Twitter, em que se manifesta inicialmente no papel patêmico de sujeito nostálgico em relação à conjunção terminada.

No primeiro, segundo e terceiro conjuntos de postagens o narrador relata o que são e como agem as milícias no contexto social do Rio de Janeiro, espaço em que se ancora o texto, criando o efeito de sentido de realidade. Também relata como se dá a atuação dos policiais da DRACO.

Nos relatos do segundo e terceiro conjunto de postagens, o narrador Draconiano deixa de narrar no pretérito e passa a narrar no presente, momento em que se observa a paixão da obstinação que ele manifesta em relação ao combate aos milicianos por meio da utilização do Twitter. É por meio desse recurso, pois, que ele se reconstrói como sujeito, um sujeito potencializado, não disjunto de seu objeto-valor, que encontra outra forma de combater o crime organizado, não mais pela força física, mas pelo seu relato verbal que constitui o texto em análise, o qual simula o universo virtual do Twitter.

As oposições observadas na maioria das postagens são /honestidade/ versus /desonestidade/, no quarto conjunto de postagens a oposição que se apreende é /saúde/ versus /doença/, podendo ser entendida também como /vida/ versus /morte/. No quarto conjunto, o narrador Draconiano informa que nesse dia não haverá histórias de polícia e faz referências a sua esposa (figurativizada por uma leoa); há o confronto entre o simulacro do mundo virtual e o simulacro do mundo real, o que reforça a percepção de que o narrador Draconiano procura (re)construir-se como sujeito no simulacro do universo virtual.

O narrador Draconiano dedica o quinto conjunto de postagens para expressar o seu estado de

alma de amargor, relacionado à paixão do ressentimento que é construído ao longo de todas as postagens; o amargor do sujeito, como variante do ressentimento se dá em relação ao Estado que não oferece condições adequadas aos policiais da DRACO para que eles possam combater os milicianos. Dessa forma, aquele que deveria ser adjuvante da DRACO, o Estado, ao se omitir, chega a exercer o papel actancia de oponente, figurativizado pelos políticos corruptos e policiais desonestos.

O último conjunto de postagens é o mais densamente figurativo, no qual são utilizadas figuras para retomar, de forma sutil, todos os efeitos de sentido construídos nas postagens anteriores. Draconiano narra como se ainda fosse policial em atividade e reitera o seu desejo de permanência no Twitter, faz alusões irônicas ao conceito de honestidade e de desonestidade, de confiança e de desconfiança em relação à polícia corrupta e às milícias.

Os simulacros de postagens do microblog Twitter atribuídos ao narrador Draconiano que fazem parte do livro *Elite da Tropa 2*, foram, portanto, uma forma de os enunciadores criarem uma narrativa policial que procura denunciar aspectos de corrupção da polícia brasileira, tema que produz efeito de sentido de realidade.

Analisou-se ainda o processo de reconstrução da identidade cindida do ator protagonista da história que se transforma de sujeito no papel temático de policial da DRACO em sujeito Draconiano, ao se utilizar do simulacro do microblog Twitter como forma de tornar-se sujeito não disjunto de seus valores. Seu combate, que antes era de um policial contra o crime por meio da ação, passa a ser a de um twiteiro que, por meio do verbo, da palavra, denuncia a corrupção em nome da justiça e da honestidade, valores que deseja que imperem no meio policial. Quanto a seu estado passional, foram observadas a manifestação das paixões – da nostalgia, em relação a seu pretérito, quando exercia o papel patêmico de policial – do

ressentimento, em relação ao Estado, que ele, como sujeito draconiano, ironiza no texto pela sua omissão tendo em vista a corrupção policial – e da obstinação, que predomina no texto, na medida em que Draconiano persiste, ao longo de todos os textos analisados, na luta por seus ideais relacionados a uma polícia que ele deseja honesta, apesar dos obstáculos encontrados em seu percurso tanto no papel temático de policial, como no papel temático de twittereiro.

Desse modo, apesar dos obstáculos, ele sente que não deve ser disjuncto de seus ideais e se caracteriza por um querer-ser intenso, em termos de conjunção a eles. Assim, a partir do momento em que se encontra incompetente para lutar por eles fisicamente, no papel temático de policial da ativa, reconstrói-se como sujeito Draconiano, que, no papel temático de twittereiro, continua a lutar por esses ideais por meio da palavra, do verbo, que dispara nos 140 caracteres do simulacro do microblog, microuniverso construído na obra *Elite da Tropa 2*, que foi objeto dessa análise.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

- BARROS, D. L. P. Paixões e apaixonados. In: _____. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Humanitas, 2001.
- _____. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005
- _____. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 1. ed. São Paulo: Atual, 1988.
- BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução de Ivan Carlos Lopes et al. Bauru: EDUSC, 2003.
- ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. Série Debates 19. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin:** outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. **Semiótica das paixões: o ressentimento**. **Alfa**. v. 51, n. 1, p. 9-22, 2007.
- _____. (Org.). **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FLOCH, J-M. **Alguns conceitos fundamentais em semiótica**. Documentos de estudo do Centro de Pesquisas Sociossemioticas. São Paulo: CPS/PUC-SP, 2001.
- FONTANILLE, J.; DITCHE, E. R.; LOMBARDO, P. **Dictionnaire des passions littéraires**. Paris: Belin, 2005.
- GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. Tradução de Jaquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Lima et al. 2ª. ed São Paulo: Contexto, 2011.
- GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões: dos estados de coisas aos estados de alma**. Tradução de Maria José Rodrigues Coracini. São Paulo: Ática, 1993.
- SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.
- SOARES, L. E.; FERRAZ, C.; BATISTA, A.; PIMENTEL, R. **Elite da tropa 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- TATIT, L. A abordagem do texto. In: FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução à linguística I: objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2011.